

ANA ESTHER CECEÑA*

ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DE UMA HEGEMONIA SEM LIMITES

HEGEMONIA E CONCEPÇÃO DO MUNDO

A PARTIR do 11 de setembro de 2001, torna-se evidente uma mudança na política internacional que dificilmente poderia ser concebida como uma resposta ao ataque às torres gêmeas de Nova York. A mudança na orientação, nos mecanismos, tônica e estilo no jogo do poder que se desdobra a partir de então é muito mais profunda do que o previsível para uma simples reação imediata diante de um atentado, mesmo se este alcança as dimensões daquele ocorrido no World Trade Center mais importante do mundo.

As incursões militares na região da Ásia Central não puderam se legitimar mediante as explicações triviais que aparentemente as justificam –perseguir Bin Laden ou buscar as armas de destruição massiva que Sadam Hussein devia ter em seu poder–, seja por se revelarem absurdas e indemonstráveis, seja porque deixam transparecer facilmente razões de posicionamento estratégico relacionadas com o projeto de dominação encabeçado pelos Estados Unidos.

A maioria das interpretações e análises sobre a guinada adotada pela política estadunidense e sobre suas repercussões no conjunto mundial coloca no centro o debate sobre a hegemonia. Em alguns casos, argumenta-se que

*Pesquisadora do Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade Nacional Autônoma do México, diretora da revista *Chiapas* e coordenadora do Grupo de Trabalho Hegemonias e emancipações do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais.

as invasões do Afeganistão e do Iraque, assim como o caráter beligerante da administração Bush, constituem uma ação desesperada dos Estados Unidos frente à perda de sua posição hegemônica. Em outros casos, a invasão, a maneira como esta se efetuou, e sua visível articulação com movimentos de redesenho do controle territorial em todo o planeta, são indicativas da renovada concentração de poder alcançada pelos Estados Unidos depois de um período de ajuste, no qual a caída do Muro de Berlim e a ampliação da economia de mercado, tal como ocorreu, potenciaram sua capacidade hegemônica.

Em ambas as interpretações há um ampla gama de matizes, que inclusive permite aproximá-las significativamente, apesar de sua aparência antagônica. No entanto, para além da manutenção das divergências, o aproveitamento do debate com o objetivo de construir uma explicação de conjunto, que responda à complexidade do fenômeno –que é o que finalmente importa–, depende de algumas indispensáveis precisões iniciais. Por um lado, é imprescindível adentrar o campo da significação conceitual de hegemonia; por outro, é necessário explicitar a diferença entre hegemonia estadunidense e hegemonia capitalista.

SIGNIFICADO CONCEITUAL DE HEGEMONIA

Hegemonia é uma categoria que foi se formando a partir de sentidos e conteúdos diversos¹. De seu uso militar ou guerreiro até sua ressignificação gramsciana, vai ganhando substância, ao mesmo tempo que muda de campo relacional. A estratégia de dominação que subjaz na primeira concepção apresenta-se, na segunda, como estratégia de emancipação e, por conseguinte, ocorre nessa transição uma mudança de conteúdos que conduz a construção da hegemonia à criação de imaginários e sentidos coletivos, muito mais do que à aplicação da força sob qualquer de suas formas, ainda que força e persuasão constituam, em sua perspectiva, uma unidade indissolúvel, ainda que contraditória.

A partir de Gramsci, e no debate deste com Lenin, a estratégia de emancipação aparece pelo menos em duas vertentes que colocam a tomada do poder em perspectivas francamente opostas. Se para Lenin o primeiro passo consistia em tomar o poder, para Gramsci é indispensável gerar amplos consensos em torno de uma concepção do mundo alternativa à visão dominante, emanada

1 Não pretendo que minha leitura de Gramsci coincida com as de outros estudiosos. Por isso não retomo as diversas interpretações de seu pensamento, mas remeto à minha própria apreciação, tanto dos seus escritos como do contexto e das preocupações que o motivaram.

do processo de trabalho capitalista (Gramsci, 2000)². A construção imaginária de um mundo diferente, produto da consciência do antagonismo social em que se sustenta o capitalismo, é para Gramsci o lugar onde se torna possível a revolução. Gerar uma nova visão coletiva do mundo é um passo prévio indispensável para que o acesso ao poder nem seja efêmero, nem seja uma nova imposição sobre a sociedade.

A proposta gramsciana, nesse sentido, leva a se conceber a hegemonia como a capacidade para generalizar uma visão do mundo, capacidade que se nutre tanto da pertinência argumentativa do discurso e de sua similitude com as expressões visíveis da realidade (ou sua capacidade para visualizar as expressões ocultas), como das manifestações de força que provêm das condições objetivas nas quais tem lugar as relações sociais, apareçam estas sob formas explícitas ou somente sob formas disciplinares ou indicativas.

Isto é, não há nenhum romantismo na construção das visões do mundo, nem tampouco nas estratégias de emancipação; como evidentemente não o há nas de dominação. O que Gramsci está realmente pondo em questão não é o uso da força, e sim o lugar difuso e o conteúdo multidimensional do poder.

A hegemonia, nestes termos, não pode ser circunscrita ao poder econômico ou militar, ainda que estes sejam parte dos argumentos de construção dos *discursos de verdade*. O poderio militar e a organização econômica, para serem eficazes, devem convencer de sua infalibilidade e de sua imanência, mas também devem estar integrados a uma visão capaz de oferecer uma explicação coerente em todos os campos, inclusive no da vida cotidiana. Na capacidade para universalizar a própria concepção do mundo, que obscureça a perspectiva de um mundo pensado sobre outras bases (apresentando-o, no melhor dos casos, como desejável, mas impossível), encontra-se o suporte da dominação. A dominação não se impõe apenas através dos sistemas produtivos, dos movimentos da moeda ou das invasões militares. A dominação se reproduz no cotidiano e na criação de sentidos comuns que percebem e reproduzem as relações sociais como relações de poder. E as relações de poder só podem ser reproduzidas se, inclusive apesar das resistências, não surge um *discurso da verdade* capaz de incorporar a diversidade de *verdades* e de apresentar de maneira integrada e coerente uma explicação e um sentido de mundo construído sobre

2 A concepção de mundo que a sociedade capitalista sustenta na transição para o *americanismo* se constrói, segundo Gramsci, através da “racionalização da produção e do trabalho, combinando habilmente a força (destruição do sindicalismo trabalhista de base territorial) com a persuasão (altos salários, benefícios sociais diversos, propaganda ideológica e política habilíssima) e conseguindo basear toda a vida do país sobre a produção. A hegemonia nasce da fábrica e não tem necessidade de ser exercida mais do que por uma quantidade mínima de intermediários profissionais da política e da ideologia” (Gramsci, 2000: 66).

raízes diferentes que, para Gramsci, emanam da desfeticização do processo de trabalho e da emergência de uma consciência operária capaz de subvertê-lo, mas que, em minha perspectiva, emanam simultaneamente da comunidade, a partir da desconstrução dos espaços e dos mecanismos de dominação que atingem todos os seus integrantes.

Neste sentido, a construção da hegemonia aparece como um complexo articulado no qual as possibilidades de dominação e a concepção do mundo se expressam e se transformam ao ritmo das relações e das resistências sociais. É própria de uma sociedade antagônica que vive em e do conflito. Sem dúvida, como afirma Gramsci, o processo de trabalho constitui um eixo fundamental da sociabilidade na sociedade capitalista, e é, por isso, lugar de geração de tal concepção. Não é somente o lugar de produção de mercadorias, mas também de sentidos e de relações de poder, e é, conseqüentemente, um espaço iniludível de desconstrução simbólica, de desfeticização. No entanto, esta desconstrução não pode ser circunscrita ao próprio âmbito do trabalho. Em parte porque, embora seja um dos âmbitos privilegiados do exercício do poder, não é o único, nem, segundo certas perspectivas relacionadas justamente com a internalização de visões fetichizadas das relações sociais, o mais importante. E em parte porque as relações de dominação se estabelecem sobre a totalidade social, cuja complexidade não se resolve nas relações de trabalho. Igualmente criadora de sentidos é a comunidade, espaço de reprodução física e simbólica da sociedade.

Ao longo da história do capitalismo, a comunidade manteve-se como o espaço de refúgio dos costumes e tradições, de resistência à disciplina social capitalista e de preservação de uma cultura da sobrevivência, na qual, embora em muitos casos se reproduzam cruamente as relações de poder que caracterizam o sistema de dominação em seu conjunto, em muitos outros se constroem alternativas à dominação capitalista, seja ao se defender “o costume” (Thompson, 1995), seja ao se construir uma visão que transcende seus horizontes³.

Na atual concepção dominante, o mundo gira em torno da concorrência econômica, completamente marcada pelos grandes monopólios transnacionais e pelas capacidades militares. As imagens fetichizadas, emanadas dos dois espaços de sociabilidade onde o trabalhador é ao mesmo tempo força de trabalho e portador da mesma (des-sujeitizado), aparecem como discursos de verdade, irrefutáveis na medida em que são reconvertidos em condição de explicação científica da realidade, concedendo pertinência ao funcionamento geral do sistema em torno do processo de trabalho e do eixo tecnológico, como se verá mais adiante.

3 Encontram-se neste caso as formulações zapatistas cuja proposta é se dedicar à construção de um mundo diferente e próprio, ao invés de se desgastar na tentativa destrutiva do atual.

A subversão desta concepção (e desta organização social) passa por uma desmistificação do processo de trabalho e da tecnologia; por uma identificação dos elementos essenciais das relações de dominação e por um reconhecimento dos mecanismos essenciais do poder: mas também por uma ressignificação da comunidade como espaço autodeterminado de criação de sentidos e de realidade.

DIFERENÇA ENTRE HEGEMONIA ESTADUNIDENSE E HEGEMONIA CAPITALISTA

A perspectiva de aproximação da análise da hegemonia implica sua localização em distintos níveis de abstração, que podem levar a sinais contraditórios, caso não se encontrem as mediações correspondentes. Uma das divergências mais freqüentes na literatura sobre hegemonia deriva da ausência de explicitação do horizonte teórico, que move a análise do nível de abstração mais geral –correspondente ao modo de produção e organização social– até aquele que diz respeito ao que Marx denomina como o nível da concorrência, onde o que está em questão não são as leis gerais de funcionamento, e sim as modalidades internas de domínio.

Quando a perspectiva de análise contempla a transição do domínio do capitalismo inglês para o dos Estados Unidos, ou deste para outro centro capitalista, ela sem dúvida está localizada nesse segundo nível. Isto é, aqui não se está falando de uma mudança sistêmica ou civilizatória, mas de uma mudança de modalidade, que evidentemente se inscreve dentro do traço mais amplo que se refere às dimensões sistêmicas.

Quando se coloca o ângulo de enfoque nas rupturas revolucionárias, no “choque de civilizações” ou nas concepções não-capitalistas do mundo, a disjuntiva diz respeito ao nível geral ou sistêmico.

É possível, portanto –de fato, é o que ocorre atualmente–, que se tenham duas curvas de comportamento em sentido inverso para ambos os níveis. Em outras palavras, não há incompatibilidade entre o fortalecimento da hegemonia estadunidense ocorrido na fase neoliberal e a decaída simultânea da legitimidade capitalista.

Trata-se, de meu ponto de vista, de um movimento ambivalente que, se em um horizonte civilizatório ou sistêmico permite identificar uma tendência à deterioração da relação entre o discurso de verdade do progresso capitalista e sua capacidade real de solução dos problemas gerais da humanidade (Ceceña, 1999), em um horizonte mais próximo anuncia um reforço da capacidade de domínio, da concentração de riqueza e poder, e da reconstrução do imaginário coletivo sobre a base do pensamento único e da ilusão global.

Até onde é possível prever, levando em conta a multidimensionalidade da hegemonia, não seria impossível que estes dois processos acabassem por coincidir no tempo. Isto é, se bem que a hegemonia capitalista esteja perdendo terreno à medida que cresce a exclusão no capitalismo e começam a ganhar força outras visões de mundo, não se pode vislumbrar, em compensação, uma possível rendição da hegemonia estadunidense.

O processo histórico, contudo, se deve ao acaso da luta (Foucault, 1977: 20); é um processo em permanente construção, que, embora delimitado pela moldura de um conjunto de condições objetivas, é constantemente modificado pelos sujeitos em ação.

O MUNDO COMO CAMPO DE BATALHA

Se a hegemonia se constrói mediante os discursos de verdade e as concepções do mundo, é certo que utiliza também uma série de mecanismos de apoio (as *condições objetivas*) que constituem o fundamento material de semelhante visão.

Gramsci situa no processo de trabalho o lugar fundamental de construção de imaginários. Efetivamente, o processo de trabalho, em suas diversas modalidades, é o lugar de relacionamento que se converte no eixo da sobrevivência. Nessa medida, aparece como espaço articulador do conjunto social⁴. É no modo de produção que se delineiam os traços essenciais da concepção do mundo, porque é aí que se estabelecem os padrões gerais de relacionamento social: a existência de classes, a concepção das forças produtivas, a concepção da natureza, o sentido da produção (como valorização), a delimitação de opções, a disciplina, os tempos, etcetera.

Sendo este o manancial do imaginário coletivo capitalista, a tecnologia, que é seu elemento ordenador, põe-se no centro da explicação do mundo. E como o mundo capitalista é um mundo de competição e individualização, de apropriação e exclusão, a tecnologia é também um espaço de poder, de des-sujeitização e de anulação do outro, que aparece não só como contrário, mas como inimigo. A concepção do mundo a partir deste ponto crítico de condensação de relações sociais é a de um campo de batalha. Não obstante, esta não é uma imagem do âmbito militar, mas que aparece nos negócios, no mercado e na vida cotidiana.

Isto é, as relações sociais estão imbuídas desta concepção que se reproduz até as capilaridades últimas da sociedade –parafraçando Foucault–, e é por

⁴ Este fato não deve, contudo, fazer com que se subestime a importância das relações comunitárias em todos os espaços de reprodução da vida, questão que o próprio Gramsci acolhe em algumas passagens (Gramsci, 2000: Cuadernos 23 y 27).

isso que o militar converte-se em signo de coerência que carrega o sentido geral e marca as delimitações. A partir daí se constroem as explicações do mundo e se desenham as estratégias para entrar no *terreno de batalha* nas melhores condições possíveis.

O CAMPO DE BATALHA A PARTIR DA PERSPECTIVA DO HEGEMON

Como se constrói um campo de batalha favorável é uma das perguntas-guia dos estrategistas estadunidenses, que evidentemente não surgiu com o 11 de setembro. Um dos tópicos permanentes nas esferas empresariais, políticas, militares e culturais é o da obtenção de entornos “amigáveis”, “favoráveis aos interesses dos Estados Unidos”. Seja porque correspondam a uma internalização, voluntária ou não, do *American way of life and thinking*; seja porque consistam em normatividades permissivas para a entrada de capitais estadunidenses em terrenos estratégicos ou de rentabilidade atrativa, ou em normatividades restritivas para lhes garantir condições de monopólio relativo ou absoluto, ou na criação de mercados protegidos, dirigidos ou desprotegidos –conforme o caso–, que garantam a supremacia estadunidense e a adoção generalizada de seus modos de funcionamento.

E a maneira como se generalizaram estes modos de funcionamento e organização da vida e do pensamento supõe, e ao mesmo tempo produz, a visão de que a tecnologia é o elemento de definição entre progresso e *atraso*, entre poder e não-poder, concedendo-lhe assim um estatuto natural.

O terreno mais essencial de construção da hegemonia é, sem dúvida, o epistemológico. Uma vez que a tecnologia se converte no eixo de ordenamento e de explicação do mundo, as contradições sociais, societais e culturais ficam nas margens de um imaginário que as admite apenas como anormalidades.

Esta visão se reforça sistematicamente mediante o uso, diversificação e desenvolvimento dos instrumentos de objetivação tanto da ciência e do pensamento humano como dos *saberes*, comportamentos e disjuntivas evolutivas do resto dos seres vivos. Os empresários, os militares, e o Estado estadunidense em geral, que modela o sujeito hegemônico (Ceceña, 2003), são ao mesmo tempo promotores e convencidos desta visão. Para os militares, que são o canal de expressão mais completo da estratégia do sujeito hegemônico neste momento, “a inteligência representa a primeira linha de defesa” (Deutch, 1994). E o trabalho de *inteligência*, ou inclusive o de criação de consensos, de acordo com seus cânones, se processa através de andaimes tecnológicos (dos aviões invisíveis até a indústria de produção de imagens).

OS OBJETIVOS

Não é nenhuma novidade que os objetivos primordiais do desdobramento hegemônico nesta guerra econômica, política, cultural e militar sejam essencialmente de dois tipos: ou se trata de recursos, riquezas e mercados, ou de obstáculos, resistências e insurgências.

1. Embora o poder seja imaterial, tem suportes materiais iniludíveis. Controlar os processos de reprodução da vida e da própria riqueza é, simultaneamente, um fim e um mecanismo na construção de poder. A capacidade para se apropriar dos recursos, processos ou mecanismos necessários não só para a reprodução presente, mas sobretudo para a futura, faz parte das condições de possibilidade da hegemonia. A destruição do contrário-competidor transita tanto pelo enfrentamento direto como pela eliminação ou controle de suas condições de existência e de reprodução, com a virtude de que este segundo mecanismo tende a naturalizar a hegemonia.

Faz pouco tempo que a disputa pelos recursos começou a se converter num assunto de sobrevivência humana. Até então, seu âmbito era fundamentalmente o da concorrência entre hegemons. Isto é, tratava-se de uma batalha interna que não questionava a pertinência capitalista a não ser, no melhor dos casos, algumas de suas modalidades.

Hoje, a linha de disputa interna que compete à hegemonia estadunidense começa a se deslocar para a fronteira que marca os limites históricos do sistema capitalista. Isto implica também um deslocamento do contrário, no qual ficariam compreendidos, simultaneamente, o hegemon alternativo e a humanidade como corporificação da espécie humana sujeitizada. Aproximação perigosa entre modalidade e modo, que é indício de limites históricos que já estão assinalando, entre outras coisas, que o outro começa a perder sua expressão estatal-nacional, para reencarnar diretamente como humanidade ou multidão, que é a expressão talvez mais ampla e profunda dessa classe que não se modela a partir da produção material, e sim da vida; não no processo de exploração, mas no de exploração-dominação, sobretudo a partir do transbordamento do processo de trabalho dos limites da fábrica até os espaços de reprodução cotidiana.

2. A longa história de des-sujeitização empreendida pelo capitalismo, na qual a tecnologia constitui um elemento privilegiado de objetivação de saberes e capacidades, tem como correlato uma história igualmente longa de resistências que, não obstante, nem sempre se manifestaram como portadoras de outra visão do mundo e construtoras de outra hegemonia ou de outro discurso de verdade, e que podem ser, em vez disso, portadoras da concepção de um mundo de diversidades sem hegemonias.

As fronteiras da dominação tocam as da vida e multiplicam as resistências num contexto em que a concentração de riqueza e de poder foi cancelando as alternativas de reajuste interno. A profundidade e amplitude alcançadas pela objetivação-expropriação diminui a capacidade de incorporação ao sistema de um conjunto crescente de pessoas que, excluídas neste universo, se voltam para a construção de outro, partindo das margens.

A insubordinação dos excluídos, da multidão, dos povos em resistência, é hoje uma ameaça real, não à hegemonia estadunidense, mas, através dela, à hegemonia capitalista no sentido mais amplo. Quando a disputa é pelos elementos essenciais para a conservação da vida, a insurreição converte-se em mecanismo de sobrevivência. Não há correspondência entre a capacidade tecnológica e a escala de incorporação ao sistema. As condições monopólicas em que opera o processo de acumulação não dão margem de manobra a ampliações legitimadoras do universo integrado à dinâmica do sistema.

Nestas condições, as fronteiras do desenvolvimento capitalista estão fortemente vinculadas à capacidade de extermínio ou *racionalização* do coletivo humano e, portanto, estão cada vez mais impugnadas por insubordinações que, por provirem de setores excluídos, são de procedência difusa e variada, de temporalidades alheias às do sistema e de conteúdos referenciados a partir de uma territorialidade e de uma historicidade que o transcendem.

Estas insubordinações são um dos sinais mais eloqüentes dos limites de possibilidade de um sistema que se autoproclama como eterno e infalível (como o fim da história).

AS ESTRATÉGIAS

Dentro da concepção do mundo como campo de batalha, as estratégias estão orientadas para a criação de vantagens de posicionamento que permitam modificar a territorialidade e as políticas de acordo com as necessidades concretas num ambiente em incessante mudança. Segundo a linguagem oficial, “*strategy [can be described as] the evolving pursuit of a central mission through changing circumstances*” (DARPA, 2003). A complexidade do mundo contemporâneo apela para uma versatilidade de iniciativas e respostas capazes de assegurar o acesso garantido às fontes de recursos estratégicos, à mobilidade irrestrita do capital, ao uso e abuso da força de trabalho e ao estabelecimento de uma globalidade ordenada.

A manutenção da hegemonia num contexto no qual as inovações tecnológicas nas comunicações permitiram um entrelaçamento muito estreito entre povos e processos sociais, econômicos e políticos de regiões antes dissociadas,

supõe estratégias capazes de englobar essa diversidade e de se situar num nível de articulação superior. Isto é o que leva Thomas Barnett, membro da Marinha e assessor do Pentágono, a afirmar que a invasão do Iraque, que estava a ponto de começar, marcaria: *“a historical tipping point –the moment when Washington takes real ownership of strategic security in the age of globalization”* (Barnett, 2003).

De acordo com os dois âmbitos de construção/questionamento da hegemonia mencionados acima, pode-se identificar uma estratégia com dois eixos superpostos, em permanente disputa.

- Considerando o equilíbrio de forças entre as chamadas grandes potências ou entre diferentes grupos de poder dentro do mesmo sistema, o núcleo da disputa encontra-se na competição para ocupar o posto mais alto da hierarquia, e não para dissolver as hierarquias. Neste cenário, o sistema não está em risco e trata-se antes de uma disputa entre estados que, pela mesma razão, torna o enfrentamento relativamente manejável. Não é a hegemonia capitalista que está em questão, e sim a definição de suas modalidades e de seus representantes paradigmáticos. Depois da guerra fria e da batalha tecnológica dos anos 1975-1995, este cenário não parece provocar muitas perturbações, embora não possa ser negligenciado.

- Mas caso se trate de uma ameaça procedente de grupos não-institucionalizados, de rebeldes com idéias próprias que põem em questão a própria pertinência do sistema de dominação, que corroem suas bases, que *saem do tabuleiro*⁵, o problema aí é mais sério: já não se trata de uma disputa pela apropriação de objetos materiais, territórios ou recursos específicos; o que está implicado é o funcionamento regular do sistema. Embora sempre tenha havido questionamentos nesse sentido, a aproximação de situações limite pela destruição ecológica, pela escassez de recursos vitais ou pela capacidade de sintetizar a vida (e, portanto, de destruir a vida natural para criar a artificial), colocou a humanidade na urgência de deter/dissolver as formas e conteúdos capitalistas de organização social para criar outros menos predatórios. A revolta, neste caso, é contra o capitalismo em si mesmo. A batalha, então, é contra qualquer possibilidade de organização diferente da capitalista⁶.

5 Os casos podem ser variados, mas poderiam estar nesta situação os integrantes do MTD de Solano, que resistem a ser novamente incluídos na condição de excluídos (MTD de Solano y Colectivo Situaciones, 2002) e a resistência iraquiana que se organizou para além de um Estado que desmoronou e onde os referentes institucionais ou estatais são ilegítimos em ambos extremos (nem o Estado iraquino nem o estadunidense poderiam representar símbolos aglutinadores).

6 Dá no mesmo se ela se identifica com heranças culturais, se reivindica princípios religiosos ou tradições, ou se apela para invenções, utopias, indisciplinas ou rebeldias.

As instâncias de planejamento estratégico dos Estados Unidos, atendendo para a variedade de possibilidades ou situações de risco em ambos os campos, empenharam-se em construir condições para enfrentar toda a gama de ameaças mediante uma estratégia de espectro completo (*full spectrum*), apoiada no funcionamento coordenado de todos os corpos de segurança (Joint, 2000)⁷.

Antes mesmo do fim do século —e do ataque às Torres Gêmeas—, os corpos de segurança e as equipes de planejamento ou de definição das estratégias voltadas para manter —e ampliar— a hegemonia dos Estados Unidos entram numa fase de reorganização, modificando suas formas de funcionamento, redefinindo seus objetivos e as concepções de sua missão histórica, da guerra, das territorialidades e da normatividade, na nova escala alcançada pelos processos de reprodução articulada do sistema.

No caso do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DoD), a ênfase está posta no traçado de uma estratégia geral de desarticulação, não só dos inimigos reais como dos potenciais, englobada na concepção preventiva que supõe que a mínima dissidência é um sinal de perigo e de guerra futura⁸. Deve-se ter capacidade para responder a uma guerra convencional, tanto quanto para enfrentar um inimigo difuso (Cohen, 1998), atentando simultaneamente para todas as áreas geográficas do planeta. Trata-se, sem dúvida, da estratégia com pretensões mais abrangentes que se desenvolveu até agora.

Fisicamente, abrange três dimensões: a subterrânea, onde buscar-se-ão recursos e esconderijos do inimigo para que não sejam possíveis nem túneis subterrâneos como no Afeganistão, nem supostos *bunkers* como no Iraque; a superficial (subdividida em terrestre e marinha), capaz de conhecer, controlar, prever ou evitar qualquer tipo de movimento, agrupamento ou relacionamento autônomo dos entes sociais; e a espacial, que no caso do DoD preocupa-se com a agilidade das comunicações e com o uso da atmosfera como lugar de instalação de satélites e meio de circulação de aviões e mísseis, mas também de informações. A pretensão é encontrar o modo em que o inimigo não tenha nenhuma brecha: que não possa se esconder num túnel e que não deixe de ser vigiado para que não possa realizar acordos ou planejar insurreições, mas, sobretudo, para que se canse, para que se esgote, para que seu desgaste seja

7 “The label full spectrum dominance implies that US forces are able to conduct prompt, sustained, and synchronized operations with combinations of forces tailored to specific situations and with access to and freedom to operate in all domains —space, sea, land, air, and information” (Joint, 2000).

8 Como diz Zizek (2003), neste reino da democracia tem-se a liberdade para estar de acordo, mas não para estar em desacordo.

completo. A criação do panóptico, percebida por Foucault no caso daqueles marcados socialmente como anormais (delinquentes e loucos), se estenderia mundialmente, abarcando a sociedade em seu conjunto. A *anormalidade*, que não é mais do que a negação em aceitar as regras do jogo impostas pelo hegemom, alcançaria assim dimensões planetárias.

A Marinha identifica, na voz de Thomas Barnett, uma ampla região (*the gap*) potencialmente insubmissa ou simplesmente irreductível às normas gerais de funcionamento promovidas pelos Estados Unidos e sancionadas pelo Fundo Monetário Internacional, pela Organização Mundial do Comércio e pelo Banco Mundial. E não necessariamente por sua consciência rebelde, mas sim, em muitos casos, pela insubstancialidade de suas instituições estatais.

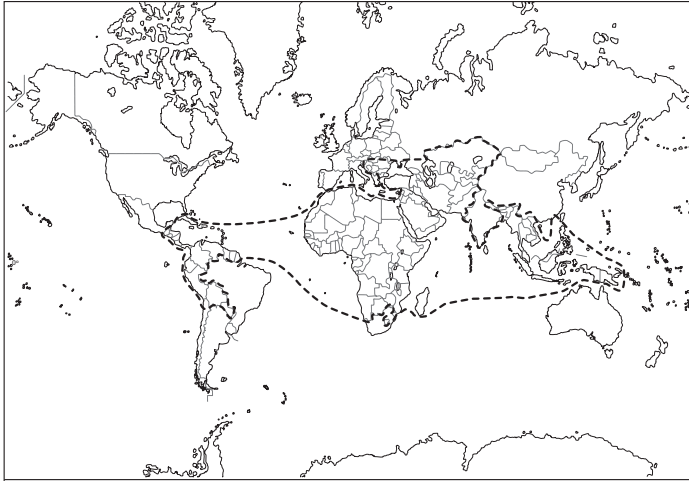
O enfrentamento de um inimigo não incorporado –ou apenas parcialmente– nas estruturas conhecidas e suscetíveis de serem disciplinadas, impede que se desenhe um plano pontual para sua destruição. Um inimigo como este, alheio às estruturas de funcionamento das quais foi excluído, ou sobrevivente em suas brechas, obriga a desenhar uma estratégia tateante e em movimento, com a maior quantidade de possibilidades de desdobramento e desagregação. Por mais armado que esteja, um exército é relativamente fácil de enfrentar porque seus movimentos são previsíveis; em compensação, um grupo de *marginais*, indisciplinados do ponto de vista do poder, com costumes não muito normalizados, é um destabilizador por excelência e conta com a vantagem de conhecer o estilo dos dominadores sem que estes possam conhecer ou prever, mais que parcialmente, reações e imaginários⁹.

Daí que a localização destes dentro de uma área geográfica bem delimitada permite desenvolver políticas gerais diferenciadas. No “Novo Mapa do Pentágono” apresentado por Barnett é feita uma subdivisão do mundo em três regiões: o centro (*the core*), que engloba todos os países desenvolvidos, com estruturas estatais sólidas e normatividades legitimadas; os países “costura ou elo” (*seam states*), em todos os sentidos do termo, que jogam o papel de zonas de amortecimento e de mediadores para o disciplinamento dos que se encontram na terceira região, chamada a “brecha” (*the gap*), na qual se situam as zonas de perigo sobre as quais os Estados Unidos devem ter uma política agressiva de vigilância, controle e de imposição de normas de funcionamento (tanto dos estados como dos exércitos e dos corpos de segurança, do comércio

9 Como propõe Thomas Barnett: “Ever since the end of World War II, this country has assumed that the real threats to its security resided in countries of roughly similar size, development, and wealth, in other words, other great powers like ourselves [...] That assumption was shattered by September 11” (Barnett, 2003).

e dos investimentos) adequadas para o estabelecimento real de um sistema globalizado (ver Mapa 1)¹⁰.

MAPA 1
A “BRECHA” CRÍTICA DO “NOVO MAPA DO PENTÁGONO”



Fonte: Barnett (2003).

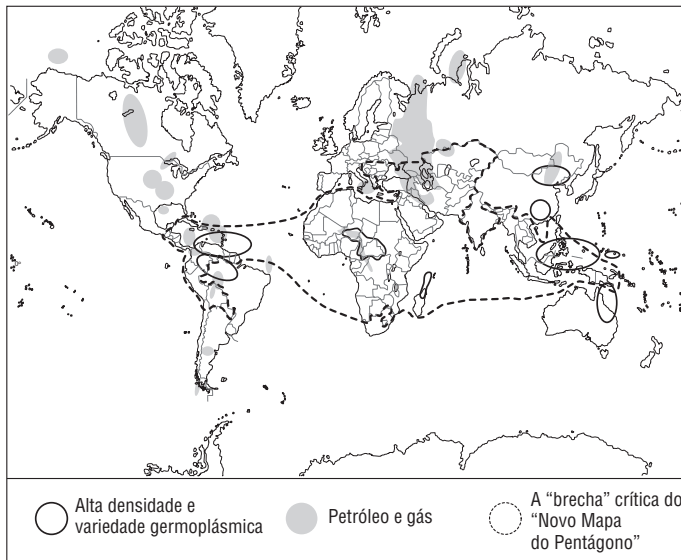
Esta visão, que já combina os esforços dos exércitos de mar e de terra, marca como zona de atenção prioritária, casualmente, a franja mais rica em recursos naturais estratégicos existente no planeta, na qual se justifica a intervenção dos Estados Unidos pela suposta “ingovernabilidade” e pela incapacidade dos próprios Estados da região para fazer respeitar as “regras da democracia” –tal como são definidas pelo próprio hegemom. Quase em sua totalidade, as áreas intensivas em biodiversidade, as jazidas de água, petróleo e gás, e as de metais para usos essenciais, estão compreendidas no *gap* (Mapas 2 e 3), embora também se tratem de regiões não submetidas, onde as raízes culturais e organizativas nem foram completamente arrasadas nem se mantiveram como relíquia. Isto é, são em sua maioria zonas de

10 A relação de focos de atenção identificadas por Barnett é muito reveladora desta visão. Nela estão incluídos países que nem estão em guerra nem estão próximos de ter uma, mas que são alvos estratégicos em outro sentido ou por outras razões, como Brasil e Argentina: “*My list of real trouble for the world in the 1990s, today, and tomorrow, starting in our own backyard*: 1) Haiti; 2) Colombia; 3) Brazil and Argentina; 4) Former Yugoslavia; 5) Congo and Rwanda/Burundi; 6) Angola; 7) South Africa; 8) Israel-Palestine; 9) Saudi Arabia; 10) Iraq; 11) Somalia; 12) Iran; 13) Afghanistan; 14) Pakistan; 15) North Korea; 16) Indonesia” (Barnett, 2003).

resistência e de alternativa, com cosmovisões próprias capazes de oferecer outras visões de mundo. Não obstante, foram também, em sua maioria, profundamente desestruturadas e reprimidas.

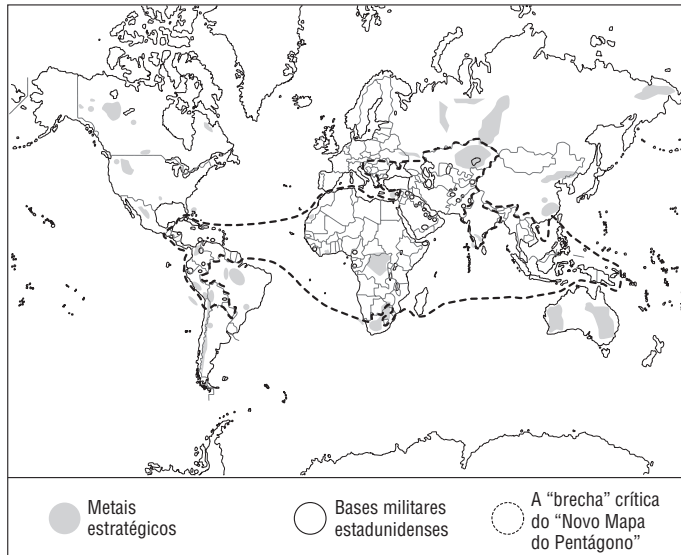
O propósito da “dominação de espectro completo”, que pode ser a marca simbólica daquele que certamente será um longo e acidentado processo de esvaziamento e desarticulação da hegemonia capitalista, é a maior aposta que qualquer sistema de dominação teria formulado até hoje, e todas as instâncias governamentais e paraestatais dos Estados Unidos têm se dedicado à promoção das condições que possam sustentá-la. Por isso mesmo desencadeia uma rejeição tão ampla. Desde a conversão desta estratégia em política de Estado, a resistência no mundo começou a ressurgir, traçando possibilidades de articulação e de construção social não-capitalistas.

MAPA 2



Fonte: Investigação própria.

MAPA 3



Fonte: Pesquisa própria.

OS MECANISMOS

Uma estratégia como a apontada, de espectro completo, e a rejeição que gera, supõem um desenvolvimento de iniciativas em esferas variadas e uma ampla permeabilidade da “filosofia” ou concepção da mundo que a inspira¹¹. Dentre os mecanismos disponíveis estrategicamente destacam-se três: a superioridade tecnológica, o reordenamento territorial e a universalização de normatividades reprodutoras das relações de poder.

1. O primeiro elemento a ser mobilizado é o tecnológico, tendo seu epicentro na esfera militar. A tecnologia, ao modo capitalista, é sem dúvida a maneira privilegiada (ainda que, evidentemente, não a única) de estabelecer espaços privados de controle e vantagens que gerem condições para a construção e o exercício do poder. A criação de tecnologias é uma prática comum que emana da competição e dos conflitos de classe. Não obstante, sua aplicação estratégica a converte em prioridade nacional assumida como política de Estado. A produção dos mais ambiciosos projetos tecnológicos e de desenvolvi-

¹¹ “Material superiority alone is not sufficient. Of great importance is the development of doctrine, organizations, training and education, leaders” (Joint, 2000).

mento de ciência básica estão atualmente a cargo do Pentágono¹² e da National Aeronautics and Space Administration (NASA). Em seus laboratórios, ou a partir de projetos realizados conjuntamente com empresas e universidades, onde se estabelecem e continuam sendo rompidas as fronteiras tecnológicas que permitem manter posições de vanguarda nos campos estratégicos para a definição da superioridade tecnológica¹³.

Estes campos, delimitados pela Defense Advanced Research Projects Agency (DARPA), estão abertos a novos conhecimentos, e explicitamente buscam explorar novos caminhos epistemológicos, mas estão centrados na criação das melhores condições para enfrentar imediatamente isso que o DoD chama de inimigos assimétricos.

12 “Over 40 percent of DARPA’S budget can be considered as devoted to highrisk, high-payoff component technologies” (DARPA, 2003). As pesquisas realizadas pela DARPA foram a base da construção de gráficos por computador; do tempo compartilhado; dos pacotes com interruptores que mais tarde deram lugar ao ARPANET, de onde foi derivada a INTERNET; da inteligência artificial que compreende o reconhecimento da voz, os sistemas especializados e a visão digital; e da engenharia informática. Os esforços tecnológicos da DARPA vão da pesquisa básica até as aplicações avançadas e *testbeds* (Deutch, 1994; Cohen, 1998).

13 A participação de empresas privadas nestes projetos ajuda a realizar uma transferência suave destas tecnologias para a indústria civil. Para isto, o DoD desenvolveu o conceito de *tecnologia de uso dual*, buscando apontar simultaneamente a superioridade militar e a superioridade econômica dos Estados Unidos, mas também compartilhar ou socializar parte dos gastos que o sistema de defesa estadunidense requer. A estreita vinculação entre a indústria civil e militar está presente em todos os campos importantes de desenvolvimento tecnológico, destacando-se atualmente os seguintes:

- criação de redes tecnológicas avançadas em coordenação com a indústria e as universidades, baseando-se no conceito de grade global (*global grid*) e para os fins militares e civis dos Estados Unidos;
- alto rendimento em computação, criando sistemas capazes de realizar 100 bilhões de operações por segundo e posteriormente trilhões de operações por segundo;
- tecnologia para sistemas inteligentes. Incluem a decifração (ou compreensão) de imagens, de linguagem humana e integração inteligente de informação cujos propósitos são desenvolver tecnologia de visão artificial para aplicações como a inspeção de sistemas de produção, permitir a interação direta e natural das forças militares com sistemas complexos com base na pesquisa lingüística, e conseguir a integração e o processamento de informação heterogênea e de fontes díspares para apresentá-la aos usuários organizada de acordo com sua relevância;
- melhoramento da tecnologia informática, reduzindo o tempo de criação, aumentando a confiabilidade e melhorando sua manutenção;
- eletrônica avançada. Melhora substancial no equipamento (*hardware*) para a National Information Infrastructure (NII). As áreas de investigação compreendem supercondutores de alta temperatura, materiais de alto rendimento como arsenito de gálio e módulos multichip (MCMs) que permitem a integração de um sistema completo num único módulo sem componentes separados. Com os MCMs os sistemas eletrônicos alcançam altos rendimentos, muito maior confiabilidade, menor consumo energético e menores custos de produção, permitem novos níveis de rendimento e miniaturização em equipamento de cômputo e comunicação;
- estudo e aplicação de conhecimentos sobre o genoma humano (Deutch, 1994; Cohen, 1998).

Mesmo assim, é em conjunção com o DoD que se desenvolvem as tecnologias correspondentes ao campo de computação cognitiva e para o qual atualmente foram obtidos os níveis de apropriação ou reprodução da inteligência e dos processos mentais de um símio –máquina Deep Blue da IBM no interior do projeto Brain Machine (DARPA, 2003).

A DARPA define oito campos prioritários: “*Counter-terrorism; Assured Use of Space; Networked Manned and Unmanned Systems; Robust, Self-Forming Networks; Detect, Identify, Track and Destroy Elusive Surface Targets; Characterization of Underground Structures; Bio-Revolution; Cognitive Computing*” (DARPA, 2003).

Por sua vez, a NASA, cuja missão tem um caráter explicitamente científico, aparentemente desligado destas marcas, aponta: “*We will help to counter the threat of international terrorism by developing technologies that can improve the security and safety of our air transportation system*” (NASA, 2003).

E entre os que são considerados os possibilitadores decisivos da dominação de espectro completo, para os quais todos os campos de investigação mencionados aportam suas inovações, encontram-se:

- Um sistema de inteligência com alcance global sustentado por uma rede de comunicações (*network centric warfare*) capaz de reunir e proporcionar informação em tempo real de qualquer tipo que se possa requerer, em qualquer parte do mundo, a qualquer de seus comandos e corpos de segurança, para propiciar sua adequação constante às situações cambiantes por eles enfrentadas.

The transformation of the joint force to reach full spectrum dominance rests upon information superiority as a key enabler and our capacity for innovation (Joint, 2000).

Ou, nas palavras de Foucault:

O poder não tem necessidade da ciência, mas sim de uma massa de informações que, por sua posição estratégica, ele é capaz de explorar (Foucault, 1979: 121).

- Superioridade no manejo do espaço. Controle dos mares e do espaço aéreo, mantendo áreas de exclusividade sem interferência. Reconhecimento, vigilância, inteligência, computação, comunicações, controle e direção globais (*command, control, communications, computers, intelligence, surveillance and reconnaissance* [CISR]). A idéia é que, para manter a vantagem atual no espaço e para promover uma posição de exclusividade relativa, mesmo quando mais usuários desenvolvam suas capacidades, os Estados Unidos devem dedicar suficientes recursos de inteligência, para monitorar todos os usuários dos ativos assentados espacialmente e incorporar seus movimentos ao *network centric warfare*, ou para ir expulsando-os da área estratégica.

- Criação de novos materiais e sistemas que garantam uma brecha tecnológica irreduzível na equipe bélica (como aviões invisíveis); na exploração do

espaço e a partir do espaço; no reconhecimento profundo da terra (mares e massa territorial) e a açambarcagem dos recursos e das localizações ou pontos geograficamente estratégicos¹⁴.

- Criação de vantagens no conhecimento de vírus, doenças tropicais, criação de antídotos e vacinas que permitam desenvolver algum tipo de superioridade e instrumentos de controle biológico frente às populações locais que encontram-se nos territórios incluídos na *brecha*.

2. O segundo mecanismo que se coloca em funcionamento para dar continuidade à dominação de espectro completo consiste em assegurar um manejo exaustivo do território mundial, entendido como construção social complexa que incorpora simultaneamente componentes físicos, históricos e culturais. O propósito declarado sob o esquema de guerra preventiva consiste em vencer os inimigos atuais ao mesmo tempo que se evita (*se dissuade*) a formação de novos. O mecanismo tecnológico descrito acima é justamente o meio que garante este manejo.

Detectores de riquezas do subsolo; sensores de movimento; fotografias à distância de satélites; perfuradores marinhos em águas profundas e muitos outros produtos tecnológicos serão importantes para dar um sentido prático rentável à apropriação territorial, porque, evidentemente, a atividade militar que a possibilita também tem a finalidade de defender os interesses vitais dos Estados Unidos que extrapolam suas fronteiras, dentre os quais o acesso a riquezas essenciais é um dos mais importantes (Cohen, 1998). O desenvolvimento e uso da tecnologia com um caráter estratégico auspicia uma agressiva política de reordenamento de territórios, que contempla desde a dissolução das atuais fronteiras e o redesenho dos espaços geopolíticos, até o reforço da presença direta dos corpos de segurança estadunidenses no sentido mais amplo: invasões ao estilo das do Afeganistão e Iraque; monitoramento e colocação de radares; instalação de bases militares; instalação de quartéis de inteligência; livre trânsito de agentes da Central Intelligence Agency (CIA), da Drug Enforcement Administration (DEA), do Federal Bureau of Investigation (FBI) ou outros similares; reformulação dos usos do território mediante planos como o Colômbia, que abarca paulatinamente a área andina completa, e o Puebla Panamá ou a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), que, embora privilegiando a circulação de capitais e mercadorias, implicam uma ocupação total.

14 O critério para determinar seu caráter estratégico deriva da essencialidade dos recursos em questão, que pode ser referida tanto ao caráter massivo como ao caráter essencial de seu uso (em atividades de fronteira ou nas que definem o conjunto). Mesmo assim, os territórios ou localizações estratégicas referem-se a pontos cujo raio de ação permite o controle de uma ampla região, à sua proximidade com recursos essenciais (petróleo, biodiversidade, água, alguns metais), à mobilidade potencial que possibilitam, ou à proximidade com movimentos de insurreição ou resistência.

3. O terceiro mecanismo, que fecha o círculo, corresponde à criação de normatividades universais tanto no terreno da guerra –através de organismos como a OTAN ou a ONU– e de gestão econômica global –mediante a implantação de critérios determinados supranacionalmente pelo Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial ou a Organização Mundial do Comércio, entre outros–, como no econômico –através do estabelecimento de equivalentes ou referentes gerais tecnológicos¹⁵, que estabelecem os padrões da produção, da organização produtiva e da concorrência. A imposição destas normas beneficia em todos os casos a quem estiver melhor armado para a concorrência –inclusive no terreno militar– e transfere o âmbito de decisão para instâncias supranacionais que impedem a autodeterminação interna dos países¹⁶.

OS LIMITES

Embora a concepção de mundo seja construída em grande medida através dos símbolos materiais, das normatividades estabelecidas e da produção de imagens naturalizadoras do comportamento social, é certo que os excessos expropriadores e autoritários de um poder que conquistou a escala planetária não permitem a universalização de imaginários nos quais os únicos papéis disponíveis são os de vítima, excluído, desempregado, deslocado, discriminado, sem documentos, culpável, perigoso, suspeito, perseguido, inimigo ou negado.

A enorme concentração de riqueza e poder estimulou a busca de alternativas de sobrevivência nas brechas do sistema, e isto gerou tanto a ressignificação de códigos culturais anteriores à depredação capitalista, como nichos de organização social desnormalizados que tendem a construir suas próprias regras. Na medida em que o processo de expropriação/concentração avança –e avança cada vez mais rápido, graças às inovações tecnológicas–, estes nichos se multiplicam e se estendem. Paradoxalmente, a expropriação criou relativas margens de liberdade, e mesmo no caso de populações desprovidas, ou talvez justamente neste caso, propicia uma

15 Sobre este ponto ver Ceceña (1998).

16 Vale a pena lembrar que o DoD apóia a criação de normas internacionais para os serviços integrados de informação em amplitude de banda, e é pioneiro na pesquisa, desenvolvimento e avaliação de criptografia, de verificação de tecnologia de computação e de serviços e produtos seguros de informação e de suas regras de uso. Foi o responsável em promover um protocolo único para as comunicações internacionais (TCP/IP), garantindo por este meio sua supremacia sobre o sistema global de comunicações.

busca alternativa e a construção de estratégias a partir da carência. Isto não significa que nestes nichos não se reproduzam as misérias da sociedade que as gerou; em muitos casos, as estratégias de sobrevivência correspondem aos mesmos esquemas de dominação, só que geralmente levados ao extremo¹⁷. Não obstante, várias destas experiências foram criando novas formas de relação e uma percepção do mundo distanciada da percepção dominante.

Quanto mais ampla é a exclusão, mais se promovem a inovação ou a criatividade sociais, porque é o único caminho para a sobrevivência. Isto é, quanto mais bem-sucedido é o processo de concentração de riqueza e de poder, mais condições corrosivas ele gera, seja pelos processos de degradação social que geralmente surgem nas zonas empobrecidas e marginalizadas mas que pouco a pouco vão permeando o resto da sociedade, seja por processos de organização alternativa aos de um entorno que não oferece nenhuma perspectiva, a não ser a inclusão criminalizada.

A visão que se espalha das altas esferas do poder mundial é em muitos sentidos atraente, mas alheia a crescentes setores da sociedade. A fascinação pelos *Rambos* e pelos *Blackhawk* ficou prejudicada no Vietnã e deteriora-se aceleradamente no Iraque.

Não obstante, as hegemônias sustentam-se em construções mentais, e as mentalidades só se transformam em processos de longa duração. Por isso, hoje é tão importante saber que este não é o único mundo possível.

BIBLIOGRAFIA

- Barnett, Thomas 2003 “The Pentagon’s new map” em *Esquire*, março. Disponível em <<http://www.nwc.navy.mil/newrulesets>>.
- Ceceña, Ana Esther 1998 “Proceso de automatización y creación de los equivalentes generales tecnológicos” em Ceceña, Ana Esther (coord.) *La tecnología como instrumento de poder* (México: El Caballito).
- Ceceña, Ana Esther 1999 “La resistencia como espacio de construcción del nuevo mundo” em *Chiapas* (México: ERA-IIEc) N° 7. Disponível em <<http://www33.brinkster.com/revistachiapas>>

¹⁷ É o caso de quase todas as comunidades de catadores, de muitas favelas do Brasil, de bairros de trabalhadores desempregados, etc. Nestes casos recriam-se estruturas caciquistas, generaliza-se a corrupção, exacerba-se a repressão e a justiça pelas próprias mãos, que acabam impondo as regras sociais pelo terror. Ver como exemplo Lins (2003).

- Cecena, Ana Esther 2003 "Estrategias de dominación y planos de construcción de la *hegemonía mundial*" em Gambina, Julio (comp.) *La globalización económico-financiera. Su impacto en América Latina* (Buenos Aires: CLACSO)¹⁸.
- Cohen, William S. 1998 *Annual report to the President and the Congress*. Disponível em <<http://www.dtic.mil/execsec/adr98/index.html>>.
- Defense Advanced Research Projects Agency (DARPA) 2003 *Strategic plan*, fevereiro. Disponível em <<http://www.arpa.mil/body/strategic.html>>.
- Department of Defense (DoD) 2001 *Quadrennial Defense Review Report*, 30 de setembro. Disponível em <<http://www.defenselink.mil>>.
- Deutch, John 1994 *DoD and the national information infrastructure* (Washington: The Department of Defense).
- Foucault, Michel 1996 (1979) *Microfísica do poder* (Rio de Janeiro: Graal).
- Gramsci, Antonio 2000 *Cuadernos de la Cárcel* (México: ERA) Tomo 6, Cap. Americanismo y Fordismo.
- Joint Chiefs of Staff 2000 *Joint Vision 2020* (Washington: US Government Printing Office).
- Lins, Paulo 2003 *Ciudad de Dios* (Espanha: Tusquets).
- MTD de Solano y Colectivo Situaciones 2002 *La hipótesis 891. Más allá de los piquetes* (Argentina: Ediciones de Mano en Mano).
- National Aeronautics and Space Administration (NASA) 2003 *2003 Strategic Plan*. Disponível em <<http://www.aero-space.nasa.gov/themes/index.htm>>.
- Thompson, E. P. 1995 *Costumbres en común* (Barcelona: Crítica).
- Zizek, Slavoj 2003 *Bem-vindo ao deserto do real!* (São Paulo: Boitempo).

18 Uma versão desse trabalho foi apresentada como informe no seminário da Rede de Estudos da Economia Mundial, em 2000, e está disponível na Internet. Ver <<http://redem.buap.mx>>.

